



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

A cidade dos que caminham: imagens e metodologias de deslocamento

Autoria: Camila Braz da Silva (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Fabricio Barreto

O presente work propõe debater a mobilidade no contexto urbano a partir da caminhada. Entendendo a caminhada como prática de insurgência contra o empobrecimento da vivência na cidade, partimos da perspectiva que o caminhar na cidade permite a experiência e o encontro com as alteridades urbanas. Considerando a interface da Antropologia urbana e Antropologia da imagem, visamos, com isso, refletir sobre os usos da caminhada enquanto procedimento metodológico e a sua importância como formação subjetiva do habitante/pesquisador/a na urbe. Ao trazer para debate os processos de resistência do caminhar na urbe, no qual habitantes/caminhantes e pesquisadoras/es são tomados cotidianamente, nosso objetivo se afirma diante da potencialidade dos passos atentos. Neste sentido, assumimos como metodologia fundante da nossa investigação a etnografia de rua, cuja prática pressupõe a “câmera na mão”, como preconizado pelas antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013). Entretanto, aderimos também a outras técnicas que se aliam a esta metodologia, como errâncias, derivas e nomadismos urbanos, temática abordada recentemente na publicação que organizamos pela revista digital Fotocronografias: Vol. 05 num.10?2019, no qual tivemos como objetivo reunir works, em um âmbito interdisciplinar, que fizessem o uso da caminhada e de fotografias como prática investigativa para pensar as cidades. Caminhantes inventam outras possibilidades narrativas, outras formas de compartilhar experiências. Certeau (1998) nos diz que:



caminhar ao mesmo tempo é leitura e escrita do território. Assim, provocados por categorias como transformações urbanas, ritmos temporais e paisagens urbanas, nos propomos a relatar nossas experiências enquanto etnógrafa e etnógrafo de rua. Aliados ao uso de imagens e apropriados de diferentes procedimentos de deslocamento a pé, buscamos contribuir com o debate do grupo a partir de pesquisas em cidades do Rio Grande do Sul, estabelecendo uma reflexão com fotografias produzidas durante caminhadas realizadas em nas nossas investigações.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: